



2545 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

**AFRICANIDADES NAS MÍDIAS DIGITAIS: UM ESTUDO DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS UNIVERSIDADES A PARTIR DE UM CANAL DO YOUTUBE**  
Evelyn Santos Pereira - UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL  
Maria Angélica Zubarán - UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL  
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

As experiências de jovens negros (as) no ensino superior foram e ainda são marcadas por desigualdades sociais e étnico-raciais. A incorporação das mídias digitais no cotidiano dos sujeitos contemporâneos tem possibilitado que diferentes vozes protagonizem narrativas que estão contribuindo para (re) significar conhecimentos hegemônicos e (re) configurar instituições como a universidade. Desta forma, este artigo tem como objetivo analisar como uma jovem negra youtuber utiliza seu canal e sua representatividade para visibilizar, positivar e fortalecer a juventude negra, incentivando jovens negros (as) a assumirem um protagonismo intelectual como acadêmicos nas universidades brasileiras. Para isso, selecionou-se como dados empíricos dessa análise alguns excertos de um vídeo da influenciadora digital Nátaly Neri, intitulado: *Negros na universidade – racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas* [11](#). O presente estudo, situado no campo dos Estudos Culturais, articulando os conceitos de identidade e diferença, conforme Stuart Hall (2016) e Tomaz Tadeu da Silva (2014), às problematizações sobre a representatividade de negros (as) na cultura.

Palavras-chave: youtuber, representatividade, juventude negra, universidade

#### **AFRICANIDADES NAS MÍDIAS DIGITAIS: UM ESTUDO DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS UNIVERSIDADES A PARTIR DE UM CANAL DO YOUTUBE**

As experiências de jovens negros (as) no ensino superior foram e ainda são marcadas por desigualdades sociais e étnico-raciais. A incorporação das mídias digitais no cotidiano dos sujeitos contemporâneos tem possibilitado que diferentes vozes protagonizem narrativas que estão contribuindo para (re) significar conhecimentos hegemônicos e (re) configurar instituições como a universidade. Desta forma, este artigo tem como objetivo analisar como uma jovem negra youtuber utiliza seu canal e sua representatividade para visibilizar, positivar e fortalecer a juventude negra, incentivando jovens negros (as) a assumirem um protagonismo intelectual como acadêmicos nas universidades brasileiras. Para isso, selecionou-se como dados empíricos dessa análise alguns excertos de um vídeo da influenciadora digital Nátaly Neri, intitulado: *Negros na universidade – racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas* [11](#). O presente estudo, situado no campo dos Estudos Culturais, articulando os conceitos de identidade e diferença, conforme Stuart Hall (2016) e Tomaz Tadeu da Silva (2014), às problematizações sobre a representatividade de negros (as) na cultura.

Palavras-chave: youtuber, representatividade, juventude negra, universidade

Apesar das recentes políticas de ações afirmativas, o Brasil ainda mantém um quadro de desigualdade racial que reflete a falta de representatividade de negros (as) e da cultura e história africana e afro-brasileira nas instituições de ensino superior, perpetuando-se, dessa forma, invisibilidades e silenciamentos étnico-raciais de afrodescendentes no país.

Por outro lado, vivemos em uma época em que as formas de interação, as políticas do cotidiano e a própria forma como nos constituímos enquanto sujeitos, estão sendo cada vez mais atravessadas pelas novas mídias eletrônicas e pela comunicação em rede e, embora saiba-se que o acesso à internet não é igual para todos (as) e que parte da população mundial continua excluída do ambiente virtual, as novas mídias digitais têm possibilitado que diferentes vozes produzam narrativas e protagonismos que estão descentralizando discursos e práticas hegemônicas e contribuindo para a descolonização do conhecimento.

Na direção de pensar como a Universidade e os seus conhecimentos estão sendo (re)configurados e (re)significados na atualidade perante os desafios que ativismos raciais e de gênero estão colocando em pauta em diferentes instâncias sociais, mais especificamente, na internet, este artigo tem como objetivo analisar como uma jovem negra youtuber utiliza seu canal e sua representatividade para visibilizar, positivar e fortalecer a juventude negra, incentivando jovens negros (as) a assumirem um protagonismo intelectual como acadêmicos nas universidades brasileiras. Para isso, selecionou-se como dados empíricos dessa análise alguns excertos de um vídeo da influenciadora digital Nátaly Neri, intitulado: *Negros na universidade – racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas* [11](#).

Salienta-se que não é nossa intenção neste estudo esgotar as discussões aqui levantadas. Desta forma, fica um convite para que sigamos instigados pelas problematizações propostas, e que possamos pensá-las a partir de diferentes pontos de vistas e lugares de fala.

O presente estudo, situado no campo dos Estudos Culturais, articula os conceitos de identidade e diferença, conforme Stuart Hall (2016) e Tomaz Tadeu da Silva (2014), às problematizações da representatividade de negros (as) no ensino superior.

Este texto articula-se também às discussões sobre a produção intelectual de mulheres negras e a noção de epistemicídio, articulada pela filósofa Sueli Carneiro, que cita o sociólogo Boaventura de Souza Santos como idealizador do conceito. Segundo Sueli Carneiro, "epistemicídio é um conceito que se refere às formas de conhecimento que foram excluídas da educação brasileira" e que se somam a baixa representatividade de negros (as) no ensino superior do país. Para Carneiro, o epistemicídio refere-se ainda à "negação aos negros (as) da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana" e pela imposição do embranquecimento cultural e produção do fracasso e evasão escolar (2005). Desta forma, conforme Jaqueline Santos (2010), somam-se múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual de negros (as).

#### **Nátaly Nery e o Canal *Afins e Afros*: uma breve apresentação**

Nátaly Neri tem 22 anos, mora em São Paulo e é estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Seu canal no YouTube se chama *Afros e Afins* [2](#) e foi criado em julho de 2015, contando com um grande e crescente número de inscritos, que totalizam 383.667 atualmente.

Imagem 1: Canal *Afros e Afins* por Nátaly Neri

Nátaly aborda para além das questões raciais, pano de fundo de seu canal, temas ligados ao consumo consciente, moda de brechó, filmes, seriados e livros. Ela narra também seu processo de aceitação e valorização enquanto mulher negra e sua experiência universitária, entre outros assuntos que vão surgindo a partir da demanda de outras mídias. O tema feminismo e sexualidade da mulher negra são centrais em seu canal. A jovem relata seu relacionamento com um transsexual branco e discute relações inter-raciais e transsexualidade.

Nátaly apresenta seus vídeos de forma informal e descontraída, contudo, sem deixar de se posicionar politicamente frente a assuntos polêmicos na comunidade negra. Como ela mesma afirma, o grande objetivo do canal é militar contra as diversas formas de manifestação do racismo, do machismo e outros tipos de preconceito, levando informação e empoderamento, em especial, para as pessoas que não tem oportunidade de acesso a outros meios de propagação de cultura e educação. Uma das peculiaridades do canal de Nátaly é que seus vídeos apresentam, geralmente, argumentos embasados teoricamente, demonstrando possuir conhecimento acadêmico sobre os assuntos que discute.

A youtuber tem ganhado grande destaque nesse universo de influenciadores/as digitais, em especial pelo aspecto político de suas abordagens. Por conta disso, já foi convidada para participar de campanhas de marcas como Seda e Melissa. Em março de 2017, participou do programa de televisão Encontro com Fátima Bernardes<sup>[3]</sup> exibido pela emissora de televisão Rede Globo, além de participar em muitos eventos sobre juventude, coletividade, tecnologia, feminismo. Em 2017, Nátaly também passou a fazer parte do grupo de colonistas do Mídia Ninja<sup>[4]</sup>.

### **Estilhaftando a máscara: políticas de identidade e o protagonismo feminino negro**

Na perspectiva dos Estudos Culturais, a identidade e a diferença "são o resultado de atos de criação linguística" (SILVA, 2014, p. 76). Portanto, as identidades não são naturais ou essenciais, mas produções sociais e culturais, uma vez que ganham sentido a partir de sistemas classificatórios, constituídos no interior da linguagem. Os sistemas classificatórios, contudo, não são estabelecidos de forma natural, inocente e pacífica. Neste sentido, se entende que os significados da diferença são disputados e constantemente tensionados. Portanto, com base na noção do deslizamento dos significados, Stuart Hall, em seu texto "O Espetáculo do Outro", argumenta que é possível contestar os regimes racializados de representação, por meio de estratégias representacionais como a inversão dos estereótipos e a substituição de imagens negativas por positivas, que são acionadas nos vídeos de Nátaly.

Também nos apropriamos das discussões de Conceição Evaristo (2005), que argumenta que a mulher negra tem sido representada na literatura brasileira ancorada em estereótipos criados no passado colonial, nos quais os corpos africanos e afro-brasileiros eram significados a partir de imagens negativas, ligadas aos "impulsos e instintos naturais", reduzindo assim as representações de mulheres negras aos estereótipos de "mulata fogosa", "negra forte" que aguenta tudo, "da mãe preta", que cozinha e cuida dos filhos dos outros, entre outros. Evaristo afirma que as escritoras negras estão criando outros discursos e representações que colocam sob rasura consagrados estereótipos da mulher afro-brasileira.

Neste sentido, as mulheres negras entendem que inserirem-se na cena literária é um ato político. A escrita é transformadora na medida em que projeta outras possibilidades de posição de sujeito, senão àquelas projetadas pelo olhar do colonizador. Seguindo com Conceição Evaristo (2017), em entrevista concedida à Djamilia Ribeiro, no site Carta Capital, a escritora afirma, "Precisamos mostrar as nossas narrativas, temos que disputar". Portanto, é na arena de disputa por significados, que essas vozes falam, e mais do que isso, fazem-se ouvir. Evaristo utiliza a imagem da escrava Anastácia, que simboliza as históricas tentativas de silenciar a mulher negra, para mostrar que, a pesar das máscaras, suas vozes foram, e continuam sendo, muito potentes.

Aquela imagem de escrava Anastácia [...], eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaftada. E eu acho que o estilhaftamento é o nosso símbolo, porque a nossa fala força a máscara. (EVARISTO, 2017)

Assim como na literatura brasileira, a luta por espaços de fala e representação das mulheres não brancas precisou ser enfrentada em outras instâncias sociais, políticas e culturais, entre elas, dentro do próprio movimento feminista, para que tivessem suas experiências de gênero reconhecidas. Ao analisar os percursos do movimento feminista, Luiza Bairros (1995) destaca que a emergência da teoria do ponto de vista feminino (*feminist standpoint*) trouxe contribuições para que as especificidades que definem diferentes formas de ser mulher, como classe, raça e sexualidade, fossem consideradas nos debates sobre gênero.

Segundo essa teoria a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos" (BAIRROS, 1995, p. 461).

De acordo com este ponto de vista, a opressão não pode ser classificada em maior ou menor grau, uma vez que as pessoas ocupam lugares diferentes numa matriz de dominação e, portanto, tem experiências diferentes e específicas. A experiência, nessa perspectiva, ganha uma dimensão política, que leva em consideração as vivências das mulheres e os pontos de intersecção entre classe e raça na estruturação de gênero e que permitindo localizar especificidades que marcam as desigualdades entre as mulheres brancas e negras. Nesse sentido, a famosa frase do movimento feminista "o pessoal também é político", sob uma perspectiva do pensamento feminista negro, significa considerar o âmbito das experiências pessoais como um ponto de partida para compreender as condições de emergência da opressão. Ademais, demarcar o lugar de fala de diferentes mulheres e trazer suas vivências, narrativas e memórias para o plano teórico e político, constitui-se como uma forma de resgatar valores e conhecimentos subalternizados e deslegitimados no decorrer da experiência diaspórica ocidental.

Também a intelectual e ativista negra Jurema Werneck, chama atenção para a contingência das identidades de mulheres negras e para as diferenças que as constituem. Ao afirmar, "As mulheres negras não existem" (2010, p. 10), ela busca enfatizar que tais identidades foram sendo engendradas no extenso repertório de referências culturais, originários de diferentes partes da África em condições adversas de violência e aniquilamento físico e epistêmico que constituíram o Brasil Colonial.

[...] as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. (WERNECK, 2010, p. 10)

Werneck (2010, p.10) argumenta que as identidades de mulheres negras precisam ser reinventadas a partir de "novos conceitos", não mais pela racionalidade específica do colonizador, mas levando-se em consideração necessidades e desafios atuais. São esses parâmetros que orientam os movimentos que mulheres negras vêm promovendo no país, em especial, a partir das décadas de 1980 e 1990, em torno do debate da intersecção de gênero e raça, particularmente, as intelectuais e ativistas negras Lélia González (1982), Sueli Carneiro e Thereza Santos (1985), que apontam para a importância das mulheres afro-brasileiras criarem seus próprios grupos e organizações. A partir desse movimento, as lutas para a inclusão das mulheres negras enquanto atores sociais e políticos começaram a ganhar visibilidade no cenário político brasileiro. Nesse contexto surgiram os primeiros coletivos, como o Geledés, o coletivo de mulheres negras de São Paulo, que teve como cofundadora a ativista e intelectual Sueli Carneiro, o coletivo de mulheres negras liderado por Thereza Santos e o coletivo Nzinga, entre outros que não param de se multiplicar. Entretanto, é importante destacar que as críticas à um modelo universal da categoria mulher e as reivindicações em torno do reconhecimento de outras vozes dentro do movimento feminista hegemônico, já vinham sendo feitas há muito tempo.

A historiadora e blogueira Giovana Xavier, em artigo publicado no *Jornalonline* Folha de S. Paulo, afirma que as mulheres negras foram pioneiras em projetos e intervenções em prol da igualdade e da liberdade. Segundo a autora, para que uma única história fosse contada e um único feminismo fosse legitimado, muitas outras histórias foram apagadas, muitas vezes foram reprimidas e muitas humanidades foram negadas. Desta forma, para a pesquisadora "se a palavra feminismo é branca e ocidental, a prática feminista é negra e diaspórica". (XAVIER, 2017).

### **Mulheres negras e tecnologias: narrativas que empoderam**

Nos últimos anos têm se multiplicado o número de pesquisas, sobretudo, no campo das ciências sociais, da comunicação e da educação, dedicadas a analisar as transformações operadas na cultura e nas formas de interação dos sujeitos preconizadas pela expansão das mídias digitais. Essa massiva produção de conhecimentos no campo das novas tecnologias mostra que estamos vivendo uma era sem precedentes, que se transforma e atualiza em ritmo acelerado. Uma era na qual as relações estabelecidas entre seres humanos conectados por mídias digitais, estão reconfigurando diversas instâncias sociais, assim como a maneira como interagem, se veem e se constituem enquanto sujeitos.

Em meio a esse ambiente tecnológico virtual, no qual muitas vezes se cruzam produzindo e distribuindo conhecimento, entretenimento e informação em escala global, proliferam também as formas pelas quais a comunicação é estabelecida. Os textos ganham formatos diversos – orais, interativos, coletivos – e são veiculados em diferentes plataformas, o que também flexibiliza a maneira como podem ser acessados e lidos. Dentre a variedade de textos que circulam na web, as autobiografias são readaptadas para este ambiente interativo e figuram como um dos gêneros mais recorrentes em plataformas como YouTube, em blogs e nas redes sociais. Na consagrada obra, *O pacto autobiográfico*, Philippe Lejeune (2014) define esse gênero da seguinte forma:

DEFINIÇÃO: narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade. (LEJEUNE, 2014, p. 16)

Na perspectiva de Lejeune, a autobiografia é um processo de escrita que tem como foco a história individual do autor-narrador-personagem. A partir dessa definição, Paula Sibilia (2016), propõe que as múltiplas histórias individuais que fazem da internet, denominado por ela como "o show do eu", podem ser consideradas variações atualizadas do gênero autobiográfico.

Contudo, pensando na especificidade das narrativas produzidas e disseminadas na internet por mulheres negras, como é o caso das produções culturais de Nátaly Neri, pensando junto com Conceição Evaristo, sugere-se que essas narrativas possam ser consideradas "formas de *escrevivência*", ou seja, vivências que são narradas a partir das experiências peculiares às mulheres negras. Neste sentido, as *escrevivências* negras narradas na web buscam resgatar histórias e memórias coletivas para (re) significar a existência de quem narra. Além disso, elas operam como importantes estratégias representacionais que buscam produzir novos

significados para as imagens negativas de representação da diferença racial. Desta forma, as *escrevivências* enquanto narrativas virtuais são fundamentalmente coletivas.

Vale ressaltar ainda, uma importante questão levantada por Philippe Lejeune (2014), ao tratar do gênero autobiográfico: quem possui o privilégio de se auto narrar? Nas palavras do autor: "Escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes (LEJEUNE, 2014, p. 131).

Nesse sentido, ainda que parte da população brasileira continue excluída desse processo, a inserção das ferramentas tecnológicas no cotidiano de sujeitos contemporâneos está facilitando o acesso à histórias e memórias coletivas, e possibilitando a produção de autonarrativas que, historicamente, tiveram seu lugar de fala deslegitimado. Portanto, pode-se afirmar que em certa medida, a incorporação das tecnologias digitais no cotidiano de um número crescente de pessoas, impulsiona processos de identificação e engajamento em causas coletivas, além de democratizar a comunicação.

Nessa direção, a internet tem sido palco de jovens mulheres negras protagonistas de suas próprias histórias e comprometidas com as transformações sociais necessárias para a promoção de políticas raciais mais igualitárias. Os meios através dos quais essas iniciativas operam na web são variados. Além de sites mais conhecidos como "Correio Nagô", "Nação Z", "Mídia Étnica" e "Geledés", não param de crescer os coletivos locais que buscam democratizar o direito à comunicação, ao dar espaço para que diferentes vozes se manifestem e visibilizem a representação de diferentes formas de existência.

No Rio Grande do Sul, temos exemplos de coletivos que desenvolvem ações específicas fora do ambiente virtual, mas que utilizam a internet para dar visibilidade ao trabalho que desenvolvem e para fortalecer a rede de colaboradores. Entre esses coletivos, destacam-se: o coletivo "Maria Mulher", a "Marcha do Orgulho Crespo", as "Gurias Crespas e Cacheadas", as "Atikunes", e as "Black Influencers".

Segundo Xavier (2017), em nome de todo patrimônio cultural ligado à ancestralidade afro-brasileira, cabe às mulheres negras o compromisso de dar visibilidade às múltiplas histórias e vivências negras, não só de dores e denúncias, mas sobretudo, de vitória, beleza e criatividade. Interpretar essas experiências e narrar em primeira pessoa as múltiplas formas de viver a identidade feminina negra, a partir das posições sociais que ocupam na sociedade, é uma forma de restituir humanidades negadas. Nesse sentido, afirma:

Narrar na primeira pessoa as nossas histórias de beleza, força e sucesso é parte dessa restituição, pois produzir nossos próprios saberes a partir de quem somos e do que sonhamos representa revidar com a poderosa arma da beleza, o anonimato, a pobreza, o preterimento e os alarmantes indicadores sociais como a história única pela qual somos vistas e narradas. Significa a aposta em um projeto de humanidade negra comprometido em conferir visibilidade a trajetórias que nos fazem enxergar a diversidade que nos constitui. As potências que carregamos, multiplicamos e que estão ausentes dos grandes meios de comunicação. (XAVIER, 2017).

Portanto, para as mulheres negras, o ato de narrar-se e autorepresentar-se é um processo político e também de sobrevivência, pois cria esperança e possibilidades de vida frente ao genocídio, à violência, ao feminicídio, ao encarceramento, ao epistemicídio e a toda a forma de violência e massacre da população negra, em especial, feminina. Desta forma, através das narrativas de suas experiências no YouTube e em suas redes sociais, Nátaly Neri possibilita que outros significados possam ser associados às identidades juvenis negras, a partir de representações que fogem às estereotipagens. A começar pelo lugar social que ocupa – estudante de graduação, intelectual e influenciadora digital – Nátaly Neri vai "enxertando novos significados nos antigos" (HALL, 2016, p. 211), a cada assunto que aborda em seu canal. Ao falar sobre moda, maquiagem e consumo consciente, ela flexibiliza a ideia de que cabe às pessoas negras usarem seus espaços de fala "somente" para discutir questões raciais. Assim, ela questiona a noção de que apenas as identidades negras são racializadas e que, portanto, cabe somente a elas refletirem e criarem estratégias de enfrentamento às desigualdades raciais. Abordar assuntos diversos, como moda, maquiagem e consumo é, nesse sentido, descolar a representação da mulher negra do lugar da "diferença" e projetá-la em outros lugares de fala. A partir dos quais, ela possa deixar de lado a premissa racial para produzir conhecimentos sobre diversas áreas.

O mesmo acontece quando a youtuber, por meio de sua própria autorrepresentação, tenciona o estereótipo de uma juventude negra marginal e violenta. Esta imagem essencialista e reducionista é posta sob suspeita na medida em que Nátaly ganha visibilidade, mostrando domínio das tecnologias, capacidade intelectual, habilidades e conhecimentos em diferentes áreas, além de uma importante influência sobre a opinião pública. Desta forma, ela representa para a juventude negra, a possibilidade de ocupar outros lugares sociais que ultrapassem as barreiras que tentam mantê-los à margem. Ela representa uma juventude tecnológica e intelectualizada que transita por diferentes espaços do saber e que produz conhecimentos científicos.

#### **"O seu lugar não é aqui, saia!" – narrativas sobre a presença negra na Universidade**

O contexto educacional brasileiro possui uma história de profundas desigualdades sociais e raciais no acesso à educação. Estudos como o de Geraldo da Silva e Márcia Araújo (2005), demonstram como a educação formal foi sendo configurada de maneira excludente para a população negra nos séculos XIX e XX. Contudo, os autores destacam que as políticas de interdição instituídas pelo Estado, não imobilizaram africanos e afrodescendentes, escravizados ou libertos, na busca pela educação. Segundo os pesquisadores, o processo que eles chamam de "ideologia da interdição", pode ser observado desde a formatação da escola, nos cursos primário, secundário e superior e ao longo de sua posterior gratuidade e obrigatoriedade para crianças maiores de sete anos, a partir do ano de 1854 (SILVA; ARAÚJO, 2005, p. 68).

Todavia, apesar das restrições à educação formal, é possível constatar no período conhecido como Primeira República, um número significativo de negros alfabetizados que conseguiram educar-se e obter um diploma, mas as histórias desses intelectuais negros permanecem em grande parte ausentes das narrativas oficiais hegemônicas.

Nesta direção, a pesquisa de Maria Lúcia Rodrigues Muller (2014) argumenta que no início do século XX existia um contingente de professoras negras no contexto do magistério público do Rio de Janeiro, que posteriormente, foi sendo apagada com um processo de branqueamento da carreira do magistério. Segundo Muller, esse apagamento se deu de forma intencional, em nome de um projeto de nação que buscava o branqueamento da população brasileira. Neste contexto, o perfil traçado para ocupar o cargo de professora primária, a quem os alunos devem ter como exemplo a ser seguido, passa a excluir gradativamente as mulheres negras dessa função.

De acordo com Silva e Araújo (2005, p 72-73), as primeiras oportunidades concretas de educação para a população negra, surgiram a partir do processo de industrialização das cidades, nos anos finais do século XIX, que impulsionaram o desenvolvimento do ensino popular e profissionalizante. A expansão do ensino profissional e técnico, propiciou a formação de um pequeno contingente negro intelectualizado, que segundo os autores, ao mobilizarem-se coletivamente desenvolveu "mecanismos de autoproteção e resistência, que serviu de base para a reorganização das primeiras reivindicações sociais negras no pós-abolição".

Luz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2000) destacam que particularmente no início do século XX disseminam-se organizações negras que desempenharam funções importantes em diferentes frentes, funcionando como centros recreativos de lazer, cultura, assistência, organização política e, em especial, em defesa e promoção da educação. Para os negros, a educação era compreendida como um importante instrumento de ascensão social. Por isso, além de ser uma das bandeiras mais importantes de reivindicações do movimento negro, algumas agremiações assumiam a tarefa de alfabetizar adultos e complementar a educação de crianças e jovens.

Também a imprensa negra foi considerada um importante instrumento de fortalecimento das identidades negras e de luta por garantias de direitos. Nos jornais, era recorrente a publicação de artigos que salientavam a importância de instrumentalizar-se para o trabalho, de aprender a ler e escrever, além da divulgação de escolas ligadas a entidades negras (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 140). Nesta direção, é possível se traçar um paralelo entre o papel desempenhado pela imprensa negra nas primeiras décadas do século XX, no sentido de politizar a população negra para desempenhar um papel combativo às desigualdades raciais e as práticas culturais contemporâneas de militância virtual, desempenhadas na atualidade por influenciadoras digitais como Nátaly Neri.

Esse sentimento de construção de identidades negras afirmativas e de empoderamento de negros (as) pode ser observado no comentário postado por um internauta, na página do vídeo produzido pela youtuber Nátaly Néri, sobre o acesso de negros (as) na universidade:

Eu precisava desse vídeo. Vivo essa experiência. Sinto-me numa ilha. Só agora estou tendo acesso ao pensamento negro. Estou me descobrindo ao mesmo tempo que mergulho num novo horizonte. Parabéns pelo canal! Precisamos desses espaços. (Comentário postado à 11 meses atrás no vídeo *Negros na universidade – racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas*)

#### **Quadro 1 - Comentário de internauta**

Neste sentido, assim como a imprensa negra teve e tem uma forte dimensão pedagógica, também as narrativas contemporâneas produzidas na web, possuem pedagogias e ensinam como ser negros (as). De maneira didática e contundente, ambos operam ensinando formas de ser negro (a) em determinado contexto histórico e cultural. A frase da internauta: "eu estou me descobrindo", indica que fazer resistência às formas de dominação racial, pressupõe que o sujeito se identifique enquanto parte de uma coletividade, para aprender a identificar as formas através das quais a raça opera na configuração das relações de poder. Desta maneira, ao manter uma comunicação direta com pessoas inscritas em seu canal, Nátaly produz pedagogias culturais que instauram diferentes maneiras de ser e comporta-se, de

forma semelhante aos ensinamentos disseminados pelos intelectuais negros (as) que atuavam na imprensa negra no século passado.

O vídeo "Negros na universidade – racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas", foi publicado no canal *Afros e Afins* em 07 de maio de 2017 e recebeu 49.931 visualizações, 9,5 mil curtidas e 602 comentários. Nesse vídeo, em aproximadamente 10 minutos, Nátaly Neri narra sua experiência na Universidade e aborda, entre outros, três conceitos já anunciados no título do vídeo: racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas. A fala da youtuber, ao contar sua experiência enquanto uma jovem negra estudante de Ciências Sociais, é marcada pelo tom de denúncia. Através de pesquisas atuais e dos próprios comentários postados na página do vídeo, observa-se que, as vivências narradas por Nátaly, são semelhantes às de outros (as) jovens negros (as) que frequentam as Universidades brasileiras.

Desta forma, Nátaly produz e faz circular na cultura narrativas pessoais que, de certa forma, tornam mais visíveis e compreensíveis para jovens negros (as), as dificuldades e barreiras que enfrentarão na vida acadêmica brasileira. Nátaly compartilha com os internautas as suas vivências e sugere estratégias de enfrentamento ao racismo presente nas universidades brasileiras:

Você vai entrar na universidade, esse é o conselho que eu sempre quis dar pra (sic) todas as pessoas negras que eu vi entrar na Universidade: o meu conselho é calma e força. Muito mais força do que você já tem. Porque você não é burro, você não é incapaz, você não é ignorante. É esse ambiente que é feito pra (sic) que você saia, pra (sic) que você se sinta dessa forma, pra (sic) que você ache que você não tem capacidade alguma e que aquele não é o seu lugar. Mas Universidade também é uma série de expertise que você desenvolve ao longo do tempo. Você vai querer desistir. Mas força, porque esse lugar é tão seu, quanto de qualquer outra pessoa que tá (sic) ali. (9:20 à 9:55)

#### Quadro 2 - Excerto da narrativa de Nátaly Neri

A narrativa de Nátaly demonstra que o ambiente universitário brasileiro está marcado pelas pedagogias da branquitude normativa que ensinam que universidade ainda é um espaço de supremacia branca e que provocam por meio de processos simbólicos, um sentido de não pertencimento aos negros (as) que lá estão. De acordo com a youtuber, tais processos, reiteram um ambiente feito para que a pessoa negra se sinta incapaz e saia. Logo no início do vídeo, ela levanta a questão do ingresso e da permanência de alunos (as) negros (as) no Ensino Superior, afirmando:

Em cinco anos nas Ciências Sociais eu vi pouquíssimos negros entrando, e eu vi grande parte deles, quase todos, evadindo. Quase todos desistindo. (0:30 à 1:12)

#### Quadro 3 - Excerto da narrativa de Nátaly Neri

Tal enunciado demonstra que a questão da presença negra nas instituições de Ensino Superior (IES) é determinada não só pelas formas de acesso, como também, pelas condições de permanência. Rodrigo Ednilson de Jesus (2011) discute essa questão e afirma que as demandas do Movimento Negro não se reduzem a reivindicações por reservas de vagas. Segundo ele:

Trata-se, também, de reivindicações por mais espaços físicos; mas trata-se, fundamentalmente, de reivindicações por mais espaços simbólicos, que permitam à população afrodescendente no Brasil ser reconhecida como sujeitos da história (e não apenas objetos de estudo) e produtores de ciência, de artes, de literatura, etc. (JESUS, 2011, p. 165)

Jesus (2011) chama atenção para uma questão que se tornou uma reivindicação da população negra no decorrer de suas lutas: a substituição de negros (as) como objeto de estudo, por negros (as) autores (as) de suas próprias pesquisas. Neste sentido, a implementação de ações afirmativas no Brasil, a partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI, tem contribuído para ampliar o número de estudantes, professores (as) e pesquisadores (as) negros (as) nas IES brasileiras. Em diferentes campos do conhecimento, cresce o número de intelectuais negros (as) engajados na história e cultura africana e afro-brasileira e preocupados em denunciar os padrões de supremacia racial branca que normatizam a sociedade brasileira, colocando em xeque o princípio da neutralidade científica e a educação eurocêntrica.

A universidade brasileira e seus professores têm sido cada vez mais desafiados a reverem processos educativos eurocêntricos que silenciam sobre Outras culturas e Outros saberes. Esses processos de silenciamento e epistemicídio têm sido destacados e questionados por Nátaly nas suas autonarrativas, conforme segue no excerto abaixo:

Uma coisa muito comum que acontece com várias amigas minhas é quererem estudar questões negras e a professora ou professor não ter conhecimento algum sobre literatura pra (sic) oferecer pra (sic) ela desenvolver a pesquisa. Tipo, "ai, desculpa, essa não é a minha área, você pode achar outro professor". Não é a área de ninguém! "Ah Nátaly, mas é porque não existem pessoas negras contribuindo intelectualmente". Eu já ouvi isso! "É porque nós não temos escritores negros suficientes que desenvolvem pensamentos acerca desse tema". [...] (8:02 à 8:55)

#### Quadro 4 - Excerto da narrativa de Nátaly Neri

José Jorge de Carvalho (2005-2006) entende que as universidades públicas brasileiras vivem um quadro de confinamento racial herdado de gerações passadas e que fazem muito pouco para revertê-lo, o que chamou de "confinamento racial". Carvalho, estima que o número de pesquisadores das principais universidades brasileiras é de aproximadamente 18.400 e que deste total, certa de apenas 70 professores são negros. Carvalho menciona, ainda, que se analisarmos o perfil de um desses 99,6% professores brancos, veremos que na sua trajetória de estudante ele teve poucos colegas negros e quase nenhum professor que não fosse branco e que na medida em que foi alcançando níveis mais altos de ensino, essa possibilidade foi diminuindo ainda mais. O autor argumenta que como resultado desse confinamento racial em que vivem boa parte dos pesquisadores brasileiros, há professores, principalmente nas instituições mais conservadoras do país, que em anos de pesquisa, nunca conviveram com colegas de trabalho e alunos negros.

Pode-se observar na fala de Nátaly Neri que é muito recorrente situações nas quais os (as) estudantes negros (as) sintam-se desamparados (as) para desenvolverem suas pesquisas quando o interesse é por temáticas étnico-raciais. Do mesmo modo, observa-se que ainda é muito comum que os conhecimentos e as produções de intelectuais negros (as) sejam desconsideradas por alguns professores (as) e também nos currículos da academia. Tais práticas evidenciam que ainda é preciso que se vençam muitos obstáculos para superar o estado de confinamento racial mantido em grande parte das universidades do Brasil, conforme propôs Carvalho (2005-2006). Contudo, é possível afirmar que muitos avanços estão acontecendo em diversas instituições de ensino superior, resultado de um conjunto de ações afirmativas que vem sendo implementadas no país no decorrer das duas últimas décadas. Não podemos desconsiderar que as mídias digitais têm um papel central nas transformações protagonizadas pelos movimentos sociais e por uma parcela de jovens engajados politicamente, dentre as quais, destacam-se as mudanças que estão ocorrendo nas universidades e nos modos de ocupar e significar essa espaço e as experiências acadêmicas.

#### Considerações Finais

A partir da análise do material produzido e divulgado por Nátaly Neri no YouTube, o presente artigo aponta para dois principais resultados: primeiro, é urgente que as universidades brasileiras avaliem a suposta neutralidade racial na produção e disseminação do conhecimento e ampliem os debates, tanto sobre a pluralidade de acesso de professores e alunos não brancos ao ensino superior, como sobre o impacto dessas seleções (e exclusões); Segundo, as mídias digitais têm proporcionado que essas discussões, próprias do ambiente acadêmico e de movimentos sociais, sejam amplamente difundidas para diferentes públicos. Desta forma, a partir de seu lugar de fala, a influenciadora digital Nátaly Neri utiliza os aparatos tecnológicos como ferramentas para pluralizar saberes e tensionar a lógica da supremacia racial branca no ensino superior.

#### Bibliografia

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, ano 3, 2º semestre, 1995.

EVARISTO, Conceição. Nossa fala estiliza a máscara do silêncio. **Site CartaCapital**. Entrevista à Djamilia Ribeiro. Publicado em 13/05/2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-2017nossa-fala-estiliza-a-mascara-do-silencio2017>. Acessado em 14/04/2018.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. **Mulher negra**. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

CARVALHO, José Jorge de. **REVISTA USP**. São Paulo, n.68, p. 88-103, dezembro/fevereiro 2005-2006.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**. Ano 1, n.1, p. 52-57, agosto de 2005.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista rbpae**. Porto Alegre, UFRGS. v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

GONÇALVES, Luiz A. O.; SILVA, Petronilha B. G. e. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 15, p. 134-158, set/out/nov/dez., 2000.

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (ed.). **O lugar da mulher**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Ações afirmativas, educação e relações étnico-raciais: lutas por redistribuição e por reconhecimento. **Revista Paidéia**. Belo Horizonte, FUMEC. Ano 8, n.11, p. 151-173, jul./dez. 2011.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. NORONHA, Jovita Maria G. (org.); NORONHA, Jovita Maria G.; GUEDES, Maria Inês C. (tradução). 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v.5, n.14, p.68-81, 2014.

SANTOS, Jaqueline Lima. A Produção Intelectual das Mulheres Negras e o Epistemicídio: uma breve contribuição. Instituto Búzios, 2010. Disponível em: [http://www.institutobuzios.org.br/documentos/Jaqueline%20Lima%20Santos\\_A%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20Intelectual%20das%20Mulheres%20Negras%20e%20](http://www.institutobuzios.org.br/documentos/Jaqueline%20Lima%20Santos_A%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20Intelectual%20das%20Mulheres%20Negras%20e%20) Acessado em 14/04/2018.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016, 2ª ed.

SILVA, Geraldo da; ARAÚJO, Márcia. Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. In: ROMÃO, Jeruse (org). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

XAVIER, Giovana. Feminismo: direitos autorais de uma prática linda e preta. Site Jornal Folha de S.Paulo. Publicado em 19/07/2017. Disponível em: <http://agoraequesaelas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/?loggedpaywall?loggedpaywall?loggedpaywall?loggedpaywall>. Acessado em 14/04/2018.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**. Goiânia, v. 1, n. 1, p. 08-17, março/junho de 2010.

[1] <https://www.youtube.com/watch?v=oRy-IVhmVjk> – último acesso em 30/04/2018.

[2] <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMlUoSdKrQg> - último acesso em 30/04/2018.

[3] <https://globoplay.globo.com/v/5713990/> - último acesso em 25/03/2018.

[4] Mídia Ninja: coletivo midiático, que se define como alternativo e descentralizado.